

O EROTISMO POÉTICO DE GILKA MACHADO E SIMONE TEODORO

José Antonio Santos de Oliveira (UNEAL)

Luiz Felipe Verçosa da Silva (UNEAL)

Resumo: O presente artigo investiga a construção estética do erótico nos poemas: *Fecundação* de Gilka Machado (do livro *Sublimação*, 1938) e *Profanação na teia* de Simone Teodoro (do livro *Distraídas Astronautas*, 2014). Considerando, no primeiro poema, a escrita marcante de uma sensualidade inscrita na palavra poética, em que verso e ato sexual se confundem em um jogo metafórico e metapoético. No segundo, o erotismo concretiza-se na figuração plástica (entoada na metáfora da aranha) da relação sexual homoafetiva. Nesse sentido, a análise centra-se no eixo temático do erotismo enquanto representação da voz e do desejo feminino. Perspectiva discutida através de Bataille (2014).

Palavras-chave: Erotismo; Gilka Machado; Simone Teodoro.

Introdução

Os desdobramentos da Literatura Comparada (LC) vão abranger os estudos de mais de uma Literatura, estabelecendo relações de proximidades ou dicotomias com as idiosincrasias que compõem essas culturas literárias. O objeto de estudo pelo qual esse trabalho vai se constituir é avesso ao viés tradicional das perspectivas da LC, pois se estudará autoras de uma mesma Literatura, porém mostram-se distintas em momentos literários e históricos, o que influencia o modo de representação da temática da relação amorosa erótica, surgindo na palavra metapoética em Gilka Machado e no desmascaramento do gozo homoafetivo na poesia contemporânea de Simone Teodoro. Assim, de um lado o tema surge como símbolo e do outro como o *trans-aparecimento* de uma perspectiva de sexualidade como intuitiva dos valores de liberdade da construção do desejo feminino.

Visto isso e percebendo essa transição literária, entende-se que se estudar comparativamente as nuances eróticas de Gilka Machado, poetisa simbolista do século XX e de Simone Teodoro, poetisa contemporânea do século XXI, é totalmente pertinente para entendermos as diferentes formas do desejo feminino inscrito na palavra poética como engajamento político de uma voz reiterada no corpo e na ação do prazer.

Partindo do pressuposto de mostrar o erotismo dentro de uma perspectiva que o enquadre não em um comportamento, e sim, como uma condição inerente do ser humano, entendendo que esse erotismo se caracteriza como um sentimento oriundo dos estímulos genéticos, mas que atribui aos mesmos um campo de significação, pelo qual se instaura uma presença marcadamente libertadora do ser, como compreendemos na poética feminina aqui estudada. Com efeito, apresentando-o não como uma ação libidinoso de caráter vulgar, que é imoral com os valores estabelecidos pela sociedade, o que fez com que o sexo e as literaturas que o representaram ficassem à margem, como *A vênus das peles*, de Sacher-Masoch, que não aparece no cânone romântico, justamente por desvelar a psiquê do desejo masoquista.

Nesse sentido, considerando o tabu criado em torno do sexo, Durigan (1985, p.11) afirma que o interdito “obrigou o erótico a refugiar-se no domínio do implícito, do não-dito, das entrelinhas, do sussurro, [...]”. Daí a chave de compreensão do erótico posto nas entrelinhas metafóricas da poesia, linguagem dos não ditos que melhor articula o gesto estético do erotismo. Por isso, Aparecida Fontes (2017, p.131) nos diz que: “enquanto o erotismo é metáfora da sexualidade, a poesia é erotização da linguagem, a língua miserável e eterna”. Uma linguagem em tensão: em extremo de ser e em ser até o extremo. Na poesia de Gilka Machado e Simone Teodoro o erotismo é essa linguagem que apresenta a natureza feminina em sua totalidade: expondo as suas mais intensas particularidades e turbulências existenciais.

Tecendo o erotismo num caráter mais humano e o desenquadrando dessa linha de banal e ilícito, o que dá margem para dizer que o erotismo aplicado na poesia de Gilka Machado e Simone Teodoro é uma ferramenta contra o preconceito e o machismo da sociedade, que ainda reprime e põe a mulher em condição de submissão e vulnerabilidade. Nesse caso, o erotismo é onde a mulher vai ter voz toante para denunciar esses enclausuros, sendo essa voz plural e dialógica como identificamos nos poemas a partir de representações distintas do erótico, mas interligadas pelo mesmo objeto, o desejo feminino. Segundo Barros (1994, p. 3) o dialogismo se estabelece a partir do momento em que “o sujeito perde o papel de centro e é substituído por diferentes (ainda que duas) vozes sociais, que fazem dele um sujeito histórico e ideológico”. Então, a partir do momento em que duas escritoras, viventes de um país que ainda se encontra alicerçado em culturas retrogradadas, no que diz respeito a valores

morais e sociais, começam a manifestar suas inquietações, outras leitoras (mulheres) vão incorporar esses discursos poéticos e reverberá-los, assim como parafraseando Bataille (2014) vai explicar que, é pelo erotismo que a mulher pode afrontar piamente a sociedade.

A Literatura Comparada

O texto literário permanece em constante diálogo com outros textos, seja pelas temáticas, oriundas de perspectivas artísticas similares, seja devido à escrita, que remete, de certo modo, a de seus antecessores no processo criativo da Literatura. Isso cria caminhos para possíveis críticas e comparações de diversas obras, encontradas no campo literário. Desse modo, compreende-se que a obra literária, quando estudada a partir da comparação, fomenta sentidos profícuos, uma vez que abstrai os aspectos semelhantes/diferentes entre os textos, de modo a exaurir múltiplos elementos, antes despercebidos em leituras avulsas, em outras palavras, este método analítico objetiva investigar as relações de influência, presentes no cerne de cada obra literária, cuja contribuição pode ser vista na própria construção da literatura.

De acordo com Carvalhal (2006, p. 86) “a investigação de um mesmo problema em diferentes contextos literários permite que se ampliem os horizontes do conhecimento estético ao mesmo tempo em que, pela análise contrastiva, favorece a visão crítica das literaturas nacionais”. Com efeito, ao confrontar um determinado assunto em mais de uma obra, é factível perceber, além das idiosincrasias dos autores trabalhados, os recursos estilísticos, sensações e desejos, que os escritores se utilizaram, a fim de externar suas percepções de mundo, mediante o momento, no qual estavam inseridos.

Por esse motivo, o método comparativista constrói pontes significativas de análise, levando o pesquisador a desbravar tanto as entrelinhas dos textos, quanto os aspectos intrínsecos de intertextualidade, afinal esta constitui-se como objeto de pesquisa devido à sua presença recorrente na produção literária. Ademais, Croce (1994, p. 46-47) explica que “[...] a natureza da história da literatura comparada encontra-se somente no seguinte: penetrar na essência dos fenômenos literários individuais através

da comparação de fenômenos análogos; desvendar as leis que são responsáveis pelas semelhanças bem como pelas diferenças”. Depreende-se, conseqüentemente, que a LC, como método interpretativo e crítico da literatura, buscará investigar os princípios regentes no interior das obras literárias, cujos resultados estabelecem relações de aproximação e distanciamento.

Nesse sentido, a presença dos traços semelhantes/diferentes é determinante para eficácia do método comparativo, de tal modo que esses aspectos norteiam a análise da literatura comparada e mostram-se pertinentes para pensar as poesias escolhidas por este trabalho específico, tendo em vista que, são justamente esses elementos análogos, transmitidos a partir da evasão dos desejos sexuais das autoras estudadas e encontrados neste *corpus* de análise, responsáveis pela compreensão das obras que serão esmiuçadas nas próximas páginas.

O erotismo como sentimento de totalidade: A *Fecundação* de Gilka Machado

*Teus olhos me olham numa tortura
de alma que quer ser corpo,
de criação que anseia ser criatura*

A fluminense Gilka Machado (1893-1980) foi uma das primeiras mulheres a desnudar o universo da poesia erótica na Literatura Brasileira, tendo papel circunstancial na solidificação de uma nova literatura feita pelo sexo feminino, pois a partir de seus escritos, outras mulheres se encontraram e puderam transcender as suas próprias (e outrora enclausuradas) percepções sensoriais de mundo e de sentimentos sexuais, o que favoreceu as suas metamorfoses carnavais para a contemplação máxima do mundo, entendendo assim como Durigan (1985, p.15) que “[...] os comportamentos sexuais ficaram sendo tão-somente a consequência “natural” da maneira específica de assumir e de se relacionar com o mundo, para, com tal procedimento, obter mais quantidade (de) e mais intensidade de prazer. [...]”. Promovendo sistematicamente com

essa “germinação”, uma autonomia no que diz respeito à condição dessas mulheres em seu meio social, existencial e principalmente sexual.

Tendo Gilka Machado exercido mais do que uma poesia de cunho intimista, que a possibilitava de retirar, das entranhas do seu interior, tudo aquilo que despertava os seus estímulos sexuais e a colocava na condição erótica, entendendo que “o erotismo equivale à contemplação poética: é considerado como uma experiência ligada à da vida.” (BATAILLE, 2014, p. 35). E sim uma poesia libertária, que instauraria um veículo onde outros seres (nesse caso mulheres) pudessem compreender as idiosincrasias que perpassavam pelo âmago de sua carne, dando-os (as) a possibilidade de transgressão e transcendência por meio do texto erótico, pois segundo Durigan (1985, p.38):

Ao contrário do pornográfico – que procura introduzir o leitor no seu universo textual, para fazê-lo participar, em busca de prazer, como um dos atores do espetáculo –, o texto erótico afasta o leitor e mediatiza uma relação em que ele capta, através da representação textual, um saber sobre o prazer, o prazer do saber (DURIGAN, 1985, p.38).

Então, por mais que a poética de Gilka Machado seja alicerçada dentro de uma perspectiva literária (Simbolista) “que legou do Parnaso a paixão do efeito estético”, assim como aborda Bosi (2015, p.279), a poetisa fluminense conseguiu conceituar e revelar, dentro de seus pormenores poéticos e nas suas entrelinhas, o verdadeiro sentido do erótico, disseminando o erotismo para a nossa cultura literária e estabelecendo por meio da subjetividade de seus versos, uma relação de ressignificação do interdito, entendendo que “sem o interdito não poderíamos chegar à consciência clara e objetiva”. (BATAILLE, 2014, p.61). Mesmo escrevendo numa época ainda tão dependente de uma Literatura, que em geral, esquivava-se de apresentar a figura da mulher em sua totalidade, insufla a voz do corpo como marca de uma existência inscrita.

A partir da observação cautelosa do título do poema *Fecundação*, já se pode remeter por alusão imediata, ao entrelaçamento carnal de dois seres, que pela sua natureza, precisam se comunicar no encontro amoroso para suprir as necessidades de sua existência, fecundando em seu coito a esperança de continuidade e de imortalidade genética. Nesse caso, pode-se dizer, que o eu-lírico em seus desdobramentos contextuais, direcionará as suas intenções a algo ou alguém, que despertou os seus sentidos sexuais e o fez fissurar-se por sua languidez anatômica, apresentando de forma

sincrônica, o passo a passo do envolvimento natural entre dois seres, que estão no cio de seu sexo e buscam compreender aquilo que está orgasmatizando os seus poros carnis. Num jogo intenso entre carne que anseia transcender, numa agonia paradoxal que deseja sempre mais e mais. Transformando e revelando a nossa real natureza animal, entendendo que todos os seres humanos, por mais racionais e complacentes em suas posturas morais, sociais e religiosas, são no sexo, predadores insaciáveis, que freneticamente querem atingir uma epifania para contemplar as lascívias do gozo supremo, pois “o erotismo do homem difere da sexualidade animal por colocar em questão a vida interior”. (BATAILLE, 2014, p.53).

*Tem teu mórbido olhar
penetrações supremas
e sinto, por senti-lo, tal prazer*

Nesse caso, o eu-lírico em *Fecundação* mostra-se provocado por olhares libidinosos, que a atraem como um ímã, fazendo com que esse eu-lírico conjecture em delírios sexuais, a penetração desses olhos (que metaforicamente entende-se como o órgão reprodutor masculino) em sua vagina, que se enroscam como sucuris em um só corpo e viajam numa Odisseia de prazer, desencadeando uma Fecundação.

O erotismo e a desconstrução do interdito: Simone Teodoro e o discurso do profano

Percebe-se, na poesia da mineira Simone Teodoro, uma preocupação estética e delicadeza no trato para com a palavra, onde cada partícula de uma letra, na clara intenção de produzir um sentido impactante dentro do contexto pelo qual o eu-lírico manifestará as suas minúcias e intimidades, se estabelece como uma molécula, que ao modo que se constitui, vai se ramificando e produzindo sentidos plenos e consistentes, vomitando literalmente tudo aquilo que incomoda as entranhas do eu-lírico, afrontando, através desse jogo com a linguagem, padrões morais e sociais, traço marcante dessa

poética teodoriana. O que dentro dessa Nova Literatura foi possível graças, segundo Kolontai (2011, p.63) as relações sociais dessas mulheres, pois “[...] a vida, nas últimas décadas, forjou, na luta pesada da necessidade vital, outra mulher de tipo psicológico completamente desconhecido até agora. Uma mulher com novas necessidades e emoções”. O que empiricamente influenciou nesse novo perfil da mulher na Literatura, que a desenquadrava desse cubo de submissão e a oferecia recursos para instaurar uma autonomia existencial.

Nesse sentido, o erotismo aparece como uma forma de externar os desejos íntimos de um autor, seu caráter transgressor fundamenta-se na antítese da moralidade social com aquilo, inerente ao ser humano, isto é, ao afrontar os aspectos pudicos da sociedade, os escritores eróticos rasgam a moral, além de mostrar as pulsões sexuais, enraizadas em seu âmago. Por esse motivo, essa escrita erótica é uma maneira de gozar por meio das palavras, uma vez que o prazer, a liberdade, e a afronta encontram-se decisivamente nesse tipo de produção literária. Segundo Bataille (2014) “A experiência do erotismo funde a angústia criada pelo interdito com o desejo de transgredi-lo”. De fato, depreende-se que o artista se encontra insatisfeito em relação aos padrões estabelecidos socialmente, isto o incita a perpassar essa realidade, de modo que sua obra absorve os elementos do interdito com o objetivo de ultrapassá-lo sistematicamente e, nesse caso específico, realizar-se a partir da poesia.

Basta-se levar em consideração o título do poema *Profanação na teia*. Nele, pode-se observar resquícios claros do uso dos mecanismos da moral, já que o termo profano se opõem ao sagrado, aquilo que está isento da mancha do pecado, em outras palavras, Simone lacera a religiosidade, ratificando que permanece disposta a viver suas vontades sexuais, embora de certa forma, esse mesmo termo esteja atrelado às próprias angústias existenciais da autora referida. Desse modo, o erotismo poético da Simone Teodoro usa esses traços da moral, pois, sem eles, não haveria sentido discutir a sexo nessa perspectiva transgressora da literatura. Antelo (2014, p. 24) explica que “é preciso o interdito para dar valor àquilo que arranha o interdito ou, em outras palavras, o interdito, que jamais abdica de seu fascínio, é a própria condição para existência do sentido”. Realmente, o poema teodorano granjeia inúmeros significados à medida que coaduna os elementos religiosos às suas letras crivas, construindo, por conseguinte, um

diálogo sistemático e crítico entre o interdito e seu objeto censurado, este último, manifesta-se na relação homoerótica presente no poema.

Além disso, percebe-se no verso *enquanto a lua vermelha arde*, uma despreocupação do eu-lírico frente a um possível fim de mundo, já que este tipo de lua está associado à ideia de finais de tempos e, por esse motivo, o interdito espera o arrependimento e a não prática da relação homoerótica, outra vez, Simone Teodoro se utiliza da moral para enfatizar seus desejos, de modo que suas vontades se mostram superiores, um erotismo transgressor. Por outro lado, de acordo com Chevalier (1998, p.564) a lua, na poesia, “diz respeito à divindade da mulher”. Nesse caso, alegoria da lua está associada à essência do símbolo feminino, no qual a mulher vive suas paixões enraizadas. Com suas pulsões a flor da pele, ela não precisa se preocupar com os castigos de um determinado deus de uma sociedade moralista, isto é, torna-se deusa de suas próprias vontades, eclodindo então suas forças no ato sexual.

Quanto aos aspectos estruturais que formam o poema, observa-se o uso da gradação no início das três primeiras estrofes, concretizada nos verbos nas respectivas conjugações de infinitivo: tirar, romper e contrair, esta figura da linguagem direciona o leitor para a construção da relação sexual, partindo, conseqüentemente, da primeira parte do sexo (quando os sujeitos ficam despidos de suas vestes), à última, ou seja, descreve as etapas da relação até o seu clímax: o próprio sexo.

*Tirar a roupa dela
enquanto vermelha lua arde.*

Romper cascas, desfilar casulos.

*Contrair-me em
aracnídeo inseto*

Nesse contexto, averigua-se a amalgamação de figuras de linguagem, uma vez que a presença da metáfora também é condicionante para a produção de sentidos do poema, esse atrelamento possibilita a construção de um erotismo poético devido ao alto nível imagético empregado nessas palavras, já que, nessas três estrofes, acontecem a

descrição de uma relação entre duas mulheres, a partir do jogo metafórico. De acordo com Candido:

A mudança de sentido faz da imagem e da metáfora um recurso admirável de reordenação do mundo segundo a lógica poética; mas a metáfora vai mais fundo, graças a transposição, abrindo caminho para uma expressividade mais agressiva, que penetra com força na sensibilidade, impondo-se pela analogia criada arbitrariamente. (CANDIDO, 1996, p. 89).

Desse modo, o erotismo poético manifesta-se nesse processo metafórico, no qual se cria a imagem da mulher em pleno gozo, semelhante à aranha com sua presa. Vê-se um eu-lírico forte, tanto é, que, para obtenção do prazer, as mulheres não precisam do falo masculino, pelo contrário, a imagem do aracnídeo transmite a resistência desse animal invertebrado, capaz até de engolir os machos da sua espécie. Além do mais, Segundo Chevalier (1998) a imagem da aranha também conversa com os desejos latentes de um indivíduo e está concatenada, sobretudo, a epifania da lua. Com efeito, isto explica o atrelamento dessas duas imagens (Lua/Aranha), à primeira vista desprovidas de uma ligação intencional, mas que na verdade conotam a manifestação do desejo da mulher, antes oculto, externando como sua libido ora encontra-se inflamada na relação homoerótica.

Assim sendo, a presença alegórica desse animal ratifica o papel ousado das mulheres durante o coito, protagonizado pela representação homoerótica nos versos do poema. De acordo com Bataille (2014, p. 35) “os homens fizeram de sua atividade sexual uma atividade erótica”. Com efeito, o sexo passa de mero meio reprodutivo para o lugar, pelo qual homens e mulheres correspondem aos seus verdadeiros desejos, sem a preocupação, obviamente de procriar. Então a partir desse ponto de vista, a relação homoafetiva concatena-se plenamente ao novo sentido do sexo, discutido por Bataille, embora o texto literário ainda se utilize dos resquícios da moralidade social no seu processo de composição, o transpõe na poética feminina para estabelecer novas chaves de compreensão da psiquê humana.

*Patas e pelos perfurar
a pele profanada*

Nessa estrofe acima, permanece a construção metafórica da relação sexual por meio das características do invertebrado evocado. É interessante observar como a discussão entre profano/sagrado permanece reavivada, como se fosse uma espécie de paradoxo criado pela autora, afinal é algo prazeroso, mas, mesmo assim, as palavras remetem àquilo tido como sujo e avesso ao ser humano. Este pensamento se solidifica, quando se pensa nas fobias, que as pessoas têm das aranhas, nesse caso, infere-se na repulsa que alguns indivíduos apresentam em torno das relações homoafetivas, ou seja, embora os sujeitos estejam se amando, gozando de suas próprias existências, existem a questão da moral, do que é certo ou errado para a sociedade. Assim, constitui-se como um erótico livre/preso ao interdito.

*E ela se contorce toda
presa em minha teia:
Era pétala amputada
tornou-se flor inteira.*

Nessa estrofe, vê-se o desenvolvimento e desfecho do ato sexual, protagonizado pelas lésbicas, no qual, pela ausência masculina, a mulher assume o papel de predador e presa ao mesmo tempo, já que o eu-lírico assume a postura do aracnídeo com sua alimentação, então, constrói-se outra metáfora, a de uma mulher como comida da outra. Além disso, as imagens criadas contemplam os gestos prazerosos durante a relação homoerótica, catalisando os elementos que circundam o sexo imagetivamente, ou seja, a maneira que o animal invertebrado come sua presa é análoga a da relação homoafetiva. Fazendo com que se chegue ao ápice do gozo, logo em seguida, Simone Teodoro altera a descrição metafórica de força e resistência sexual de aranha para flores, nesse sentido, cria-se a imagem da ressurreição, isto é, mortas no sexo, o prazer as revive de simples pétalas para flores inteiras, e, complementando-as, elas se tornam completas, uma vez que as mulheres sabem ser agressivas durante o coito e sensíveis, como uma flor, no orgasmo.

Considerações Finais

Gilka Machado e Simone Teodoro representam vozes autênticas no cenário erótico da Literatura Brasileira, mesmo historicamente e poeticamente sendo distintas em perspectivas literárias, conversam na temática dos seus textos, ambas são mulheres, firmes e buscaram externar seus desejos eróticos diante da sociedade, embora sejam diferentes na forma de escrever, este fato pode ser explicado a partir das épocas, no qual seus textos foram escritos. Onde, de um lado, encontra-se uma poesia erótica, mas de cunho heterossexual, onde já revelava avanços significativos na produção literária feminina do Brasil, porque a voz da mulher resistia e reverberava os desejos íntimos do seu ser.

Do outro, por sua vez, pode-se acompanhar como aquele erotismo do passado tem evoluído e se concretizado na literatura, de modo que os traços da homoafetividade, na atualidade, ainda mais paradigmáticos, que a relação sexual apresentada por Gilka Machado outrora, ganham sentido no texto literário, uma vez que, acompanhar o processo evolutivo do ser humano, bem como as transformações sociais, faz parte das especificidades da Literatura, em outras palavras, o erotismo de Simone Teodoro atrela-se, com certeza, às discursões pertinentes do momento presente. Sendo assim, além de externar inquietações sexuais em uma óptica feminina, esta consegue mostrar a voz da mulher a partir do homoerótico, ou melhor, Em Simone Teodoro encontra-se uma mistura de linguagens, conceitos e elementos estilísticos, que criam imagens poéticas e, sobretudo, eróticas. Suas metáforas respiram poesia e desejo, seu ponto de vista é claro e a autora se mostra livre das amarras impostas pelas métricas, configurando-se, por conseguinte, como reflexo da sociedade na contemporaneidade.

Portanto, dentro das premissas discutidas ao longo desse trabalho, observou-se como o erotismo está presente nas entrelinhas das poéticas simbolistas de Gilka Machado e modernas de Simone Teodoro, ambas poetisas brasileiras e que possuem uma verve subversiva em seus discursos narrativos, que apresentam da forma mais milimétrica possível, as singularidades sexuais que compõem o interior feminino, revelando como pelo texto erótico a mulher pode atingir o ápice da sua existência e ser plural.

Referências bibliográficas

- ANTELO, RAÚL. **O lugar do erotismo**. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2014.
- BARROS, D.L.P de. Dialogismo, Polifonia e Enunciação, in: **Dialogismo, Polifonia e Intertextualidade**. São Paulo: Edusp – Editora da Universidade de São Paulo, 1994.
- BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2014.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. – 50. Ed. – São Paulo: Cutrix, 2015.
- CANDIDO, Antonio. **O estudo Analítico do poema**. 3ª ed. São Paulo: Humanitas Publicações / FFLCH/USP, 1996.
- CARVALHAL, Tania Franco. **Literatura comparada**. 4 ed. São Paulo, Ática, 2006.
- CHEVALIER, J; GHEERBRANT, A. **Dicionário de símbolos: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)**. 12 ed. Rio de Janeiro: José Olímpico, 1998.
- CROCE, Benetto. “A Literatura Comparada “In: COUTINHO & CARVALHAL”. (Org.). **Literatura comparada: textos fundadores**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- DURIGAN, Jesus Antônio. **Erotismo e Literatura**. São Paulo: Ática, 1985.
- DOLTO, Françoise. **Sexualidade feminina: libido, erotismo, íngidez**; tradução Roberto Cortes de Lacerda. – 3ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A Vontade de Saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1993.
- FONTES, Maria Aparecida. **Adélia Prado e a beleza dos corpos**. Graphos: João Pessoa, vol.19, nº 02, p.123-139, 2017.
- KOLONTAI, Alexandra. **A nova mulher e a moral sexual**. São Paulo: Expresso Popular, 2011.
- SILVA, Marlon. **Ocre Barro**. Maceió: Imprensa Oficial Graciliano, 2017.